

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA
UMA VIAGEM PELO CINEMA DA ESLOVÉNIA
4 de outubro de 2021

NE JOCI PETER / 1964
(*Não Chores, Peter!*)

Um filme de France Štiglic

Realização: France Štiglic / *Argumento:* Andrej Hieng, Vladimir Koch, Ivan Ribič e France Štiglic / *Direção de Fotografia:* Ivan Marinček / *Montagem:* Milka Badjura / *Música:* Alojz Srebotnjak / *Produção:* Viba Film / *Interpretações:* Lojze Rozman (Dane), Bert Sotlar (Lovro), Majda Potokar (Magda), Zlatko Šugman (Dolfe), Bogdan Lubej (Peter), Polde Bibič (Matija) / *Cópia:* DCP, preto e branco, falado em esloveno, legendado em português / *Duração:* 91 minutos / *Estreia Mundial:* 31 de julho de 1964, Jugoslávia / *Inédito em Portugal* / *Primeira Apresentação na Cinemateca.*

Aviso: alertamos para a qualidade globalmente pobre da legendagem presente nesta cópia, pela qual apresentamos as nossas desculpas.

Este só poderia ser um filme realizado no lado dos vencedores, porque, desde logo, não há nenhuma guerra que se vença sem a cumplicidade do povo. Esta categoria de povo inclui quem, a dada altura, o *partisan* Dane, algo imaturo e desajeitado a transmitir as suas convicções, parece querer excluir do grande palco do conflito em curso: as mulheres e as crianças. Ele queixa-se, mais do que o camarada Lovro, que não se sente um verdadeiro soldado, já que se vê remetido para missões de pouca importância. Estamos algures na Jugoslávia, atual Eslovénia, durante a ocupação inimiga, a cargo das potências do Eixo. Estes combatentes antifascistas cedem ainda mais à frustração quando conhecem a sua nova missão: transportar três crianças para uma zona libertada, destacando-se, entre elas, o menino de quatro anos Peter. Rapidamente, os dois soldados, entretanto apelidados de “tios”, vão reconhecer o valor desta nova missão, ao mesmo tempo que o seu coração derrete pelos três petizes. Do grupo que integram, releva, como o mais desajeitado da trupe, o cocheiro aspirante a atirador Dolfe, um “bobo da festa” bem maior que qualquer um dos infantes.

O realizador, France Štiglic, especializou-se no tema da Segunda Guerra Mundial, desde a sua obra de estreia, **Na svoji zemlji/Na Nossa Terra** (1948), filme que marca a fundação do cinema esloveno. Trata-se da história da sublevação de uma comunidade, defendida pela corajosa brigada eslovena, contra a ocupação levada a cabo por italianos e alemães: “Estamos firmemente ligados como uma corrente. Isto torna-nos fortes. Libertaremos a nossa terra! Estamos aqui há 1300 anos, sempre vítimas das grandes nações. Querem devorar-nos porque estamos num importante cruzamento no coração da Europa. Permaneceremos aqui”, discursa Stane, um dos *partisans* mais aclamados pelo seu povo. Apoiado nesta história comovente de resistência, **Na Nossa Terra** representa um grito de libertação com vista à constituição de um verdadeiro cinema esloveno, orgulhosamente autodidata e independente: “Os indiferentes e os atrevidos, os dinamitadores da cultura eslovena, engajados num cinema, gritavam: vamos começar! Vamos ver o que resulta disso”, terá dito Štiglic (citado por Stojan Pelko, no artigo «Lettre de Ljubljana», *Trafic*, Inverno de 1960).

O magnífico **Dolina Miru/O Vale da Paz** (1956) levou ainda mais longe a vontade de exaltar quem resistiu à ocupação alemã, nomeadamente os mais fracos ou desprotegidos. Algures entre o segundo episódio de **Paisà** (1946) de Roberto Rossellini e **Jeux interdits** (1952) de René Clément, esta fábula desenrolada na paisagem montanhosa da Eslovénia é protagonizada por duas crianças órfãs, uma menina alemã e um rapaz esloveno, que partem para “terra de ninguém”, em pleno conflito,

sonhando acordadas com um “vale da paz”, paisagem prometida de que fala a menina. Durante essa grande jornada, encontram num soldado negro, pertencente ao exército americano, uma espécie de “anjo protetor” que os vai aproximar do ansiado destino, onde não há bombas e as casas permanecem para sempre de pé. Trata-se de uma peregrinação exemplar, em que ressalta a determinação destas duas crianças em procurarem o seu futuro, mesmo estando sitiadas por uma guerra inclemente. Uma guerra em que, como assinala um soldado nazi, referindo-se às ideias do Führer, todas as crianças são (como) *partisans*. A inocência e capacidade de sonhar faz delas, de facto, exemplares guerreiras da paz e, nesse sentido, a última cena está imbuída da esperança num futuro onde ainda há quem acredite na existência de um qualquer “vale da paz”. Vemos as crianças a chorarem a perda do seu “anjo”, percebendo que a paz implica uma viagem longa e árdua, ou melhor, ainda mais longa e ainda mais árdua. No entanto, Štiglic aponta a câmara para a paisagem montanhosa da sua Eslovénia como que dizendo: “é por aqui que será possível prosseguir o caminho da esperança”. Trata-se de um filme tão poético quanto patriótico, que não minimiza o caminho pedregoso de que é feita a vida. **Na Nossa Terra** terminava também com o rosto de um jovem *partisan*, recém batizado de “Pequena Águia”, em quem o adulto depositava a esperança na reedificação de um país, no reerguer de uma nação.

Uma das marcas presentes nestes filmes é significativamente ampliada – quase até à caricatura, digamos assim, mais burlesca – em **Não Chores, Peter!**, de novo um filme de expedição, coprotagonizado por crianças e situado historicamente na Segunda Guerra Mundial. Com efeito, o olhar de compaixão, lírico e humanista, dirige-se ao povo que combateu e resistiu, muitas vezes em surdina, fora dos holofotes da História escrita. Esse heroísmo invisível é representado pelos *partisans*, com certeza, mas acima de tudo por todos aqueles que estes vão encontrar na sua viagem de regresso a um lugar que possam dizer seu e, nesse sentido, de volta a uma “casa”. Mais uma vez, em Štiglic, as crianças, em particular o enternecedor Peter, são alguns desses pequenos grandes heróis, mas também é heroica a mulher que recebe em sua casa o singular batalhão e lhe serve polenta acabada de confeccionar. Enquanto o contingente come, esta mulher guarda a casa munida de uma carabina, no que é uma das imagens mais poderosas e inesquecíveis deste filme. Menos poderosa mas deliciosamente enternecedora – quase digna de um filme de animação da japonesa Ghibli – é a sequência em que o pequeno Peter come cerejas às costas de Lovro, enquanto este último dispara sobre os alemães.

Apesar de todo o realismo com que Štiglic “pinta” o cenário de guerra, o registo é ligeiro e eivado de esperança, estando este filme longe, por exemplo, da gravidade e dureza das obras de Andrzej Wajda, mestre da Nova Vaga polaca que se estreou nos anos 50 com uma angustiante trilogia sobre a Segunda Guerra Mundial, ou de Ján Kadár e Elmar Klos, realizadores do portentoso drama checoslovaco sobre a “desjudificação” **Obchod na korze/A Loja da Rua Principal** (1965). Em cima desse mesmo *background* repleto de ameaças e horrores inomináveis, mais ou menos escondidos, Štiglic afirma uma espécie de “força vital”, uma imparável *joie de vivre* que vem à tona, indo beber à presença desconcertante de crianças e de homens infantilizados pelas suas convicções e visões do mundo, principalmente quanto aos papéis que todos, todos sem exceção, têm a desempenhar no curso da História. Talvez seja esta a mensagem mais profunda – a de que não há missões de primeira e de segunda se o combate se faz em nome do povo, com o povo e pelo povo – presente num filme que irradia uma doce e serena esperança na humanidade.

Luís Mendonça